

Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário

Léa Silveira Sales*

RESUMO

Jacques Lacan, ao encerrar sua tese de doutorado em 1932, anuncia a intenção de direcionar sua pesquisa para a elucidação do narcisismo. Data de 1949 o texto intitulado “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. Nele, o autor dedica-se à noção de narcisismo que teve uma força original em seu pensamento. O presente artigo analisa detalhadamente a apresentação do estágio do espelho que é realizada nesse texto de Lacan. Por fim, estabelece uma relação com outros textos lacanianos coetâneos no intuito de indicar sua contextualização geral na teoria do imaginário.

Palavras-chave: Psicanálise Lacaniana. Imaginário. Estágio do espelho.

Position of the mirror stage in the lacanian theory of imaginary

ABSTRACT

Jacques Lacan, while finishing his doctorate thesis in 1932 – and as a consequence of the problems he had been analyzing –, announces the purpose of guiding his research towards the elucidation of narcissism. Among the productions that took part in this project, there is “The mirror stage as formative of the function of the I” (1949), a text directly dedicated to this emergent notion that showed original strength in his thought. This paper analyzes in detail the presentation of the mirror stage accomplished in this text relating it with other contemporary Lacanian papers aiming to indicate its general contextualization in the theory of the Imaginary.

Keywords: Lacanian Psychoanalysis. Imaginary. Mirror stage.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Aluna do Doutorado em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, linha de pesquisa: Filosofia da Psicanálise. Bolsista CAPES. E-mail: lea_silveira@uol.com.br

Durante a década de 1940 duas questões centrais foram alvo das preocupações de Lacan: a determinação da dimensão social sobre a experiência psíquica e as funções do complexo e da imago no processo de constituição do sujeito. No artigo *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, Lacan (1966) não deixa de ressaltar a determinação exercida pela “dialética social”, mas a preocupação com essa instância de causalidade, não obstante seja um importante ingrediente de todo o projeto lacaniano, é como que posta entre parênteses em favor de uma atenção especial a fatores estritamente psíquicos resultantes da insuficiência fisiológica do ser humano quando de seu nascimento. Ou seja, a dimensão social continua a existir como o horizonte da pesquisa psicológica, mas a reflexão sobre o espelho nesse momento abstrai um pouco a necessidade de se referir a ela como causa última. Lacan fala, por exemplo, que o momento em que o “eu” ideal confere ao “eu” a adjetivação de ficção irreduzível ocorre antes de qualquer determinação social e que o fenômeno da captação espacial expresso pelo estágio do espelho é anterior à dialética social que confere ao conhecimento humano sua característica paranóica. Essas declarações, à primeira vista estranhas a um projeto que sempre apontara o caráter primordial da referência ao social, são possíveis exatamente porque a causa última desses acontecimentos é, no momento, identificada com a prematura característica do nascimento do ser humano, como se não pudesse haver nada anterior a isso;¹ Lacan afirma (1966, p. 96) que se deve “[...] reconhecer, na captação espacial que manifesta o estágio do espelho, o efeito, no homem, anterior mesmo a essa dialética [a dialética social], de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural [...]”.

De outra parte, encontramos uma cristalização da ênfase na noção de imago que acaba por varrer o uso do conceito de complexo, tanto que o estágio do espelho, que no artigo sobre a família (LACAN, 1938) só possuía existência e pertinência como algo pertencente à trama do complexo de intrusão, agora acha-se dele emancipado, eleito até mesmo o foco principal da teoria do imaginário; em paralelo, é interessante perceber que enquanto em 1938 o estágio do espelho era analisado em função da presença do irmão, este passa agora a ser substituído pela forma mais geral da presença do outro.

Constituem um só movimento essas duas nuances, encontradas no artigo de 1949, visto que, sublinhar mais veementemente o estudo do psíquico conduz diretamente ao acento na imago em detrimento do complexo, pois este implicava um maior nível de exterioridade em relação ao sujeito.

De qualquer forma, o que permanece firme é o projeto herdeiro da tese de doutorado: o esclarecimento do estágio do narcisismo. Disso Lacan faz a bandeira de sua teoria do imaginário; é para o narcisismo – como momento primordial da constituição do “eu” por imagens – que se volta a teorização construída a propósito do estágio do espelho. Seu objetivo é fornecer uma teoria genética do “eu” definida como a reflexão que “[...] trata a relação do sujeito com seu próprio corpo

em termos de sua identificação com uma imagem, que é a relação psíquica *par excellence* [...]” (LACAN, 1951, p. 2).

No texto de 1949 encontramos outra modificação com relação às apresentações anteriores do estágio do espelho (LACAN, 1938):² trata-se do encaminhamento em direção à estrutura; é possível perceber aí “[...] a adoção mais decidida de um ponto de vista estrutural, em contraste com o tom “psicológico” que caracterizou as abordagens anteriores” (SIMANKE, 1997, p. 268). Enquanto no período anterior Lacan expressava uma tendência a tomá-lo como um ponto específico do desenvolvimento infantil, a partir de 1949 encontraremos sinais que indicarão outro tipo de leitura: ele passa a colocar o estágio do espelho como um paradigma, como uma espécie de estrutura permanente da subjetividade; começa a designar um “stadium” no qual o sujeito é constantemente capturado por sua própria imagem (EVANS, 1996).³ De fato, o autor fala que a atividade da criança diante do espelho revela não apenas um certo “dinamismo libidinal” como também uma “estrutura ontológica do mundo humano”, uma “matriz simbólica” constitutiva do “eu”, e define o “eu” ideal como uma “forma”, espécie de estrutura a servir de crivo para a vida psíquica posterior do sujeito. De acordo com Simanke (1997), o início desse movimento no sentido da estrutura deu-se, embora de maneira sutil, com o texto “A agressividade em psicanálise”: aí Lacan usa a expressão “sincronias da captação especular”, o que já indica uma mudança no ângulo da compreensão:

Mesmo que esta expressão não tenha o mesmo sentido que vai adquirir depois no dicionário estruturalista, ela já alude a algo que é da ordem de uma rede de relações, e não mais simplesmente a um momento ou episódio específico da história individual [...] (SIMANKE, 1997, p. 274).

Ademais, segundo o mesmo autor, ocorre ainda nesse texto uma insistência no caráter primordial da experiência do espelho, fato que reforça o entendimento do fenômeno mais como modelo a atravessar toda a vida do sujeito favorecendo-lhe uma consideração sincrônica, do que como uma fase bem delimitada do desenvolvimento da criança. Em *Algumas reflexões sobre o eu* (1951), texto lido para a “British Psycho-Analytical Society”, o ponto de vista estrutural que começa a nascer em *A agressividade em psicanálise* e em *O estágio do espelho...* adquire mais força e guia a reflexão, apesar de ainda ganhar atenção a perspectiva aliada ao desenvolvimento. O autor aí afirma que o fenômeno possui dois tipos de valor: um valor histórico, por marcar um momento decisivo no desenvolvimento mental da criança, e o valor de representante de uma relação libidinal essencial com a imagem corporal. De acordo com Evans (1996), quanto mais Lacan desenvolver o conceito de estágio do espelho, mais seu valor histórico será desmerecido em razão de seu valor estrutural. Assim é que no seminário de 1956-57/1995 – “A relação de objeto” – Lacan afirma: “[...] o estágio do espelho está bem longe de apenas conotar um fenômeno que se apresenta no desenvolvimento da criança. Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual.” (p. 15). Dessa forma, o estágio do espelho acaba por definir algo que não se refere nem a um simples estágio, nem somente à experiência do espelho, pois o que está em jogo no final das contas é o advento da alteridade; afirma Ogilvie, (1991, p. 112) ratificando esse ponto:

O espelho, isto é, este momento da primeira relação consigo mesmo que é irremediavelmente, e para sempre, uma relação com o outro, só representa uma fase privilegiada na medida em que tem um valor exemplar para toda a seqüência de um desenvolvimento; não é um estádio destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável. ‘Estádio do espelho, bem mal nomeado, onde afinal se trata muito pouco de espelho e de estádio.

Assim, o que vemos em “O estágio do espelho...” é a adoção de um ponto de vista estrutural que ainda não fez nascer a ênfase no registro do simbólico e que é aplicado ao quadro da teoria do imaginário em seu momento mais característico; ou seja, é quando a reflexão sobre a imagem ganha seus mais longos e ricos desdobramentos que seus impasses começam a se fazer sentir, dando lugar à necessidade de se lançar mão de uma outra dimensão de análise.

Há, “grosso modo”, a convergência de três importantes constatações a determinam o andamento da experiência e a revisão do conceito freudiano de narcisismo: o fato da prematuração do bebê humano, a idéia de que uma “Gestalt” possui poderes formativos e a existência de uma operação de identificação. A experiência do espelho conduz a criança à percepção de uma unidade corporal que não encontra correspondência em sua vivência proprioceptiva; ao tempo em que seu próprio corpo lhe providencia uma experiência de despedaçamento, de uma falta geral de coordenação, o bebê é levado a perceber a existência de uma unidade que lhe causa estranhamento mas que ele já é capaz de reconhecer como sua própria imagem. A saída para a angústia do despedaçamento é então a identificação com essa imagem especular cuja “Gestalt” é responsável pela condução do processo de constituição do “eu”; saída que é, no entanto, ilusória, pois vem alicerçada sobre um fundo inapelável de alienação. Ocorre que essa imagem primeira jamais pode constituir um reflexo fiel: ela informa uma unidade subjetivamente inexistente. Já aparece distorcida, no mínimo em função da inversão do campo visual a partir da qual o que era direita torna-se esquerda e vice-versa: sendo a relação entre o organismo e a realidade

[...] filtrada através de um prisma de inversão, há uma distorção primitiva na experiência egóica da realidade responsável pelo desconhecimento (*méconnaissance*) que para Lacan caracteriza o eu em todas as suas estruturas (MULLER; RICHARDSON, 1982, p. 31).

Além disso, fator que parece ser o crucial na emergência da alienação, a imagem alvo da identificação não será necessariamente o reflexo da criança no espelho, mas a forma humana em geral, representada paradigmaticamente pela presença do outro. Assim, sendo a origem da capacidade de dizer “eu” algo que reside no momento em que a criança é capturada por uma imagem essencialmente alheia, sua identidade própria nunca poderá deixar de ser algo que lhe vem de fora, do horizonte da alteridade. Dessa forma, segundo a teorização lacaniana sobre o estágio do espelho, o eu encontra sua constituição na operação mesma que lhe

condena a uma condição de alienação, ele é formado na experiência especular pela identificação com a “Gestalt” de uma imagem exterior e discordante. Nas palavras de Lacan (1966, p. 181): “[...] o primeiro efeito que aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e mesmo se experimenta de início”; “Essa relação erótica em que o indivíduo humano se fixa a uma imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e eis aí a forma onde tem origem esta organização passional que ele chamará de seu eu”(LACAN, 1966, p. 113)

Talvez seja importante observar que, ao contrário do que vinha ocorrendo desde o artigo *A família* até *A agressividade em psicanálise*, período em que o termo utilizado para falar do eu é o *moi*, no texto de 1949, a escrita de Lacan passa a oscilar entre os termos *je* e *moi*, com predominância do primeiro. Índice de uma distinção então nascente e possuidora de um longo futuro, esse uso específico do pronome também aponta para outra distinção igualmente fundamental: a que se traça entre eu e sujeito. Se o *je* virá mais tarde a designar o sujeito do inconsciente,⁴ certo é que no momento a partícula ainda não é destinatária de tal atributo. Ao contrário, o objeto focado nesta exposição do estágio do espelho – e isso é mais do que reiterado – é um eu que se aliena, que se constitui como sintoma,⁵ como “ficção irreduzível” e que, portanto, ocupa o lugar simetricamente oposto àquilo que é chamado de verdade do sujeito. Aliás, é daí que surge, como observam Muller e Richardson (1982), a inquietação de Lacan quanto aos discursos que preconizam a análise como instrumento para o fortalecimento do eu.⁶ Seria mesmo manifestação de anacronismo querer enxergar no *je* das linhas de 1949 o sujeito do inconsciente⁷, sendo o inconsciente um conceito que, nessa época, ainda se gesta no pensamento lacaniano: ele ainda está à beira de encontrar a roupagem específica do estruturalismo para que possa ser aceito. Com efeito, Lacan trata de sublinhar a impossibilidade de se reduzir o sujeito (o qual não se faz ainda acompanhar do complemento “do inconsciente”)⁸ ao *je* ao afirmar que a aproximação entre as duas instâncias só pode se dar como uma assíntota: a forma fictícia do eu “[...] só encontrará assintoticamente o devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tem que resolver, enquanto eu [o termo utilizado aqui é *je*], sua discordância para com sua própria realidade” (LACAN, 1966, p. 94).⁹ Enfim, embora Lacan faça aqui uso dos dois pronomes franceses que se referem ao eu, esse uso ainda não representa a sistematização posterior que conferirá ao *moi* o significado de uma instância imaginária sintomática e alienante e ao *je* o estatuto de sujeito do inconsciente, lugar situado no simbólico e aparentado à verdade do desejo.¹⁰ O que se pode dizer desse texto é que nele tem início uma distinção entre eu e sujeito a qual ainda não corresponde à distinção *je/moi*.

O ponto de partida para a formulação lacaniana do estágio do espelho são os dados experimentais da psicologia comparada, especialmente o estudo do transitivismo (Bühler), a pesquisa dos fenômenos de imitação da primeira infância (Baldwin), a investigação das reações do chimpanzé frente ao espelho (Köhler) e a descrição do comportamento da criança diante de sua própria imagem (Wallon). A ocorrência especialmente destacada por Lacan é o fato de que a criança é capaz de reconhecer como sua uma imagem no espelho e de interessar-se por ela de

modo lúdico justamente durante um período em que é superada em termos de inteligência instrumental pelo chimpanzé, já que este rapidamente desloca sua atenção do espelho ao se dar conta da inutilidade da imagem. Esse dado, acrescido do conceito de identificação, é, para Lacan, revelador da estrutura paranóica da personalidade (ponto explicado adiante).

O artigo de Wallon, intitulado *Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio* e publicado na França em 1931 foi um dos primeiros estudos a tratarem da reação infantil ao espelho. Nele, a experiência da imagem especular representa um teste para o desenvolvimento cognitivo: quer-se investigar o nível de consciência que a criança possui a respeito de sua realidade e se ela conseguiu unificar seu “eu” no espaço. Segundo Ogilvie (1991), a noção da formação psíquica e do conjunto do desenvolvimento em Wallon é regida por uma concepção finalista, pela idéia de que, de maneira natural, a criança se dirige ao conhecimento objetivo e à vida social, como se esses dois níveis do comportamento humano já existissem como germes no “infans”, precisando apenas passar por um processo evolutivo para atingirem a forma madura. O contato com o espelho é uma experiência provocada pelo psicólogo cujo objetivo é investigar o modo como a criança atinge uma relação adulta normal com a realidade. Nas palavras de Wallon (1931 apud OGILVIE, 1991, p. 107): “Trata-se de saber como a criança se torna capaz de reconhecer como seu o aspecto exteroceptivo que o espelho lhe traduz da maneira mais completa e mais evidente”. Segundo Ogilvie (1991), Lacan – que, vale lembrar, não cita Wallon no texto de 1949 – desvia totalmente o foco tradicionalmente aplicado sobre o fenômeno do espelho ao preterir o observador em benefício da própria criança. O que lhe interessa não é a tomada de consciência mas a observação que a criança é capaz de empreender a respeito de si mesma e os efeitos que isso produz sobre sua estruturação, aspecto não salientado pelo comentário dos psicólogos.

A criança reconhece sua imagem no espelho com uma manifestação de júbilo e com a efetuação de uma operação de identificação entendida como “[...] a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem [...]” (LACAN, 1966, p. 94). A identificação é, então, a parcela de atividade que cabe à criança mediante a percepção de uma imagem que lhe vem do exterior. Essa assunção da própria imagem pela criança é o que originalmente precipita a construção do “eu” conferindo-lhe sua forma primordial: o “eu” ideal, forma que será a fonte de todas as identificações secundárias responsáveis pela função de normalização libidinal¹¹ e que representa o caráter estático e permanente do eu, “[...] a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1966, p. 97). Como observa Wilden (1968), que o eu seja um “Ideal Ich” já significa que ele seja um “outro eu”. Trata-se, segundo Lacan, de um momento constitutivo logicamente anterior tanto ao processo de objetivação quanto de subjetivação: o júbilo manifesta exemplarmente “[...] a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial, antes que ele se objetive na dialética da identificação com o outro e que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1949/1966, p. 94). Quanto a este trecho, vale observar, seguindo um comentário de Simanke (1997), que se

acha já aí atribuída uma função ao registro simbólico, mesmo que, por ora, ela represente apenas uma função complementar no processo formativo do sujeito.¹²

O processo de identificação envolve uma função de antecipação que é exercida pela “Gestalt”,¹³ antecipação que produz a miragem da maturação da potência do sujeito. Essa “Gestalt” constitutiva possui quatro importantes características que conferem ao “eu” sua estrutura rígida e alienada: ela é exterior ao sujeito, possui um tamanho diferente do seu, apresenta uma simetria invertida e indica uma harmonia contraposta às sensações heteróclitas experimentadas pelo corpo da criança:

[...] a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como “Gestalt”, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte que constituída, mas em que, sobretudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e sob uma simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. (LACAN, 1966, p. 95).

Para Lacan, as evidências que atestam o papel formativo da “Gestalt” sobre o organismo podem ser encontradas, por um lado, nos resultados de experimentos biológicos que apontam para processos de identificação homeomórfica e, por outro, na teorização sobre o fenômeno do mimetismo que indica uma operação de identificação heteromórfica.

Quanto aos primeiros, o autor refere-se a dois fatos biológicos. a) a maturação da gônada na pomba (efeito fisiológico) tem por estímulo condicionador a percepção visual da forma de outro indivíduo da mesma espécie e, na falta deste, até mesmo seu reflexo num espelho possui o poder de desencadear o processo. b) a larva de um gafanhoto migratório não está predeterminada a gerar um indivíduo adulto de forma gregária ou solitária; seu desenvolvimento vai-se direcionar para uma determinada forma (efeito morfológico) dependendo da ocorrência da percepção de um seu representante ou de uma imagem que lhe seja similar e que produza os mesmos movimentos típicos da espécie. Ambos os experimentos¹⁴ mostram que em alguns casos uma relação perceptual com outro da mesma espécie é necessária ao processo maturacional normal. O que Lacan pretende defender ao expor esses dados é que, tendo a imagem esse poder formador sobre o animal, sobre o homem esse poder deve ser ainda maior, visto que ele vem ao mundo sob as circunstâncias de sua insuficiência fisiológica:

Se a forma, a imagem, funciona tão bem assim no mundo animal, se por seu sentido ela já informa, só poderá ter mais efeitos sobre o psiquismo humano, ainda mais sensível por sua indeterminação fisiológica a este tipo de causalidade (OGILVIE, 1991, p. 115).

Em *Algumas reflexões sobre o eu* (1951), Lacan afirma que o conceito de identificação é a única chave possível para a compreensão dos fatos encontrados nesses experimentos. Simanke (1997) observa que, desde sua tese de doutorado – de 1932 –, Lacan já fazia uso de modelos etológicos e que, aqui, talvez eles venham cumprir a função de oferecer uma forma de contraponto ao risco de elaborações puramente metafísicas.

Quanto ao modelo de identificação heteromórfica, Lacan se refere a um ensaio de Roger Caillois chamado *Mimetismo e psicastenia legendária*.¹⁵ Nele é descartada a hipótese – que Lacan adjetiva de “ridícula” – de que o mimetismo constitua um dispositivo de adaptação e de defesa contra predadores. Em oposição, é defendida a idéia de que o espaço possui a capacidade de seduzir o organismo a assimilar-se com o meio e nele dissolver-se; segundo Lacan (1966, p. 96) há “[...] uma obsessão do espaço em seu efeito desrealizante”. Essa tendência à dissolução seria característica de todo organismo vivo. Caillois defende que a morfologia sofre uma determinação a partir do tipo de relação que o organismo estabelece com o meio. A “psicastenia legendária” seria uma categoria psicopatológica que designaria os distúrbios da personalidade com o espaço. A reflexão de Caillois serve a Lacan para ressaltar a significação do espaço – e, conseqüentemente, da imagem – para o organismo.

O pré-requisito para a ocorrência do fenômeno da captação espacial no ser humano é sua característica específica de incompetência orgânica à qual Lacan confere o estatuto de “Discórdia primordial”; o fato de nascer prematuro – com o mal-estar e a falta de coordenação motora que isso acarreta – não permite ao homem o estabelecimento de relações fisiológicas suficientes com o meio e é essa lacuna que a imagem possui a função de preencher; é ela que passa a mediar a relação do homem com o mundo. O estágio do espelho constitui, justamente, um dos modos dessa relação: “A função do estágio do espelho revela-se [...] como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade [...]” (LACAN, 1966, p. 96). Lacan compara o recurso à imago no ser humano ao fenômeno da deiscência (abertura das sementes) na botânica; Bowie (1991, p. 29) esclarece a analogia: “[...] a auto-alienação do sujeito é tão ‘natural’, tão inevitável, quanto a auto-propagação das plantas.” Segundo Ogilvie (1991), o homem é finalmente definido como um ser inacabado a partir de 1926 com os trabalhos de Bolk que apoiavam essa definição em dois fatores: a neotenia – grande demora no desenvolvimento com relação às outras espécies – e a fetalização – existência de traços anatômicos arcaicos: características que, nas outras espécies, pertencem apenas ao estágio fetal permanecem presentes no homem durante toda a sua vida; nas palavras de Bolk (1960 apud OGILVIE, 1991, p. 115): “O homem é, do ponto de vista corporal, um feto de primata que atingiu a maturidade sexual”. Para Lacan (1966, p. 186), é preciso, então, que a imagem venha suprir, no homem, as deficiências causadas pela neotenia e pela fetalização: “É em função desse atraso do desenvolvimento que a maturação precoce da percepção visual adquire seu valor de antecipação funcional”. É, então, em Bolk, que ele encontra a referência para marcar a discordância entre a harmonia visual da imagem refletida no espelho e as sensações de despedaçamento e de falta de coor-

denação que conformam a experiência subjetiva da criança. Segundo Lacan (1951, p. 4), é da esperança de vir a superar essa falta de coordenação, antecipando no nível mental a aquisição de uma unidade funcional, que nasce a expressão jubilosa da criança: “Sua alegria é devida a seu triunfo imaginário em antecipar um grau de coordenação muscular que ela na verdade ainda não alcançou”.

Essa operação de identificação espacial cujo ponto de chegada ideal é a formação do indivíduo ocorre segundo uma dialética temporal que envolve movimentos de insuficiência e de antecipação e que deslancha retroativamente a emergência de fantasias ligadas tanto a imagens despedaçadas quanto totalizantes do corpo. Para Lacan (1966, p. 97), essa imagem do corpo despedaçado aparece, por exemplo, nos sonhos do analisando, produzindo imagens de vísceras e de membros decepados sempre que o andamento da análise esbarra em momentos de desintegração agressiva, e na anatomia fantástica circunscrita pelos sintomas da histeria. Já o momento de formação do “eu” que tende a ilusoriamente superar o despedaçamento corporal é comumente simbolizado nos sonhos por imagens de campos fortificados ou de estádios, os quais são metáfora dos sintomas da neurose obsessiva.

Lacan (1966, p. 98) considera que esses dados “subjetivos”, coletados da experiência analítica, podem deixar margem para que uma crítica seja direcionada à sua teoria: poder-se-ia dizer que ela supõe o impensável de um sujeito absoluto, ou seja, que relatar assim uma coleção de dados implica supor um sujeito universal abstraído de uma situação concreta. Fugir a essa crítica é, então, a justificativa que ele fornece para o fato de ter feito uso dos dados objetivos da biologia e da psicologia comparada e para o fato de ter ensaiado um “método de redução simbólica”, o qual parece se referir à própria tentativa de formalização estrutural do estágio do espelho. Que tenha sido utilizada exatamente essa expressão “método de redução simbólica” já indica certamente um ganho da influência de Lévi-Strauss que virá a ser tão decisiva e já começa a anunciar a necessidade de uma referência, para além do imaginário, que lhe permitirá uma melhor consideração da clínica com a manutenção de suas pretensões de cientificidade.

Retomando teses que já haviam sido expostas no artigo sobre os complexos familiares, Lacan (1938) afirma que a saída do estágio do espelho lança o sujeito, na dialética da identificação com o outro, às relações sociais e à constituição da realidade e do conhecimento:

Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial [...], a dialética que desde então liga o eu às situações socialmente elaboradas.

“É esse momento que decisivamente faz bascular todo o saber humano na mediação pelo desejo do outro, constitui seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem [...]”(LACAN, 1966, p. 98). A identificação com a “Gestalt” especular, ou, de maneira mais geral, com a forma humana, não constitui somente o eu, pois, para Lacan, a construção do “eu”, do “outro” e da “realidade” constituem um único e mesmo processo cuja característica mais

marcante é a de ser alienante, paranóico, indicando que a loucura é algo intrínseco ao ser humano, especialmente em suas funções essenciais de constituição de uma identidade própria, de vida em sociedade e de produção de conhecimento; como explica Simanke (1997, p. 269-270), “[...] o homem, ao atribuir realidade às imagens que constituem seu mundo e àquelas nas quais ele reconhece seu eu, reedita um fenômeno muito semelhante à crença delirante nas formações alucinatórias do psicótico”. Lacan (1966) relata que sua concepção do “eu” nasceu justamente de seus estudos sobre os “momentos fecundos” do delírio segundo o método fenomenológico. Para o autor, os estudos de Bühler sobre o transitivismo infantil são índice da miscelânea original entre eu e outro e, portanto, da inextirpável presença da alienação na operação de identificação; a ambivalência que esses estudos mostram existir na relação entre crianças de determinadas idades denota, a seu ver, que é a imagem do outro que disponibiliza para o sujeito a vivência do sentimento de si: “Assim, ela [a criança] pode participar, num transe completo, do tombo de seu colega, ou da mesma forma lhe imputar, sem que se trate de mentira, ter recebido dele o golpe que lhe aplicou” (LACAN, 1966, p. 180). O fato de o outro ser um ponto tão primordial na constituição psíquica do ser humano é o que explica que sua condição só possa ser recoberta pelo recurso à dimensão cultural e não à dimensão biológica, como é o caso dos animais cuja relação com o meio é de co-naturalidade.

Exterior a si mesmo desde sua própria origem, o “eu” é, então, essencialmente uma instância paranóica, independentemente da qualidade dos sintomas produzidos posteriormente pelo sujeito. Aqui torna-se necessário explicar a relação postulada por Lacan entre agressividade e identificação narcísica. Iniciemos citando a tese IV do artigo *A agressividade em psicanálise*, na qual é possível perceber, apesar da brevidade de sua enunciação, a convergência de, pelo menos, três importantes matrizes teóricas do pensamento de Lacan: a psiquiatria com o tema do conhecimento como fenômeno paranóico que já havia sido desenvolvido na sua tese de doutorado; a filosofia kojéviana cujo mote da luta pelo reconhecimento traduz-se no discurso lacaniano pela elaboração em torno da agressividade; e a própria doutrina psicanalítica de onde partem conceitos específicos como “identificação” e “eu”, além da agressividade, e que serão em grande medida re-elaborados. Eis a enunciação da tese: “A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação que chamamos narcísico e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo”(LACAN, 1966, p. 110). A síntese representada na imagem especular contrasta com as sensações corporais experimentadas pela criança, sensações que lhe anunciam uma fragmentação. Assim, essa discrepância é vivida primeiramente como rivalidade porque a unidade do reflexo sublinha a falta de unidade real. Além disso, existem dois outros pontos que determinam a agressividade como consequência necessária da identificação: a) identificar-se com o outro significa querer tomar seu lugar, adquirir para si seus adjetivos, o que, levado às últimas consequências, significa suprimir sua existência (EVANS, 1996); b) a dialética da identificação com o outro implica uma competição entre os sujeitos pelo mesmo objeto porque o desejo humano é sempre um desejo alheio (o próprio “eu” já é um “outro”), ou seja, um

objeto só emerge como alvo para o desejo do sujeito se já for almejado por outro: a forma do estágio do espelho, diz Lacan (1966, p. 113),

[...] se cristalizará, com efeito, na tensão conflitiva interna ao sujeito, que determina o despertar de seu desejo pelo objeto do desejo do outro: aqui, o concurso primordial se precipita em concorrência agressiva, e é dela que nasce a tríade do outro, do eu e do objeto [...].

Esses movimentos são os mesmos encontrados em Kojève (1947), só que, enquanto este via como única saída para a luta pelo reconhecimento o estabelecimento de uma relação em que um dos sujeitos é senhor e o outro é escravo, para Lacan, essa saída é a própria identificação narcísica, que, por sinal, não deixa de demarcar um forte teor de servidão. Daí que a relação com o outro será sempre ambivalente, tão erótica quanto agressiva. Dada a confusão original entre “eu” e “outro”, a agressividade que é dirigida a este é igualmente dirigida a si mesmo, o que leva Lacan (1966, p. 187) a falar da “agressão suicida narcísica”: no desenvolvimento psíquico estão ligados “[...] o Eu primordial como essencialmente alienado e o sacrifício primitivo, como essencialmente suicida: Isto é, a estrutura fundamental da loucura” (LACAN, 1966, p. 188). Assim, como explica Bowie (1991), a constituição do “eu” já é também sua própria destruição e as tentativas de fugir à alienação só conseguem agravá-la. Enfim, para Lacan, a relação narcísica já é a relação com o outro, já é amá-lo e odiá-lo simultaneamente, porque implica tanto identificação quanto agressividade; existe uma “[...] relação evidente da libido narcísica com a função alienante do eu, com a agressividade que dela se destaca em toda relação com o outro, seja ela a da mais samaritana ajuda” (LACAN, 1966, p. 98). Essa imbricação entre sentimentos investidos de valores afetivos opostos mostra-se exemplarmente na paranóia, afecção eleita para servir de paradigma do problema: no delírio, os perseguidores são justamente aqueles personagens com quem o sujeito se identificou. Para Lacan, nesse momento, é assim que se encontra uma justa explicação para a gênese da agressividade e não, como ocorre na doutrina psicanalítica, por meio do recurso a “instintos” de destruição ou de morte.

No entanto, Lacan considera que, apesar de ter direcionado sua reflexão para a conclusão inaceitável de um “instinto” de morte, a psicanálise, ao teorizar sobre o narcisismo primário, tocou o problema da negatividade existencial, entendido como o único vetor capaz de produzir uma justa abordagem da condição humana. Ele observa em seguida que esse é o tema tratado pela filosofia do ser e do nada e aproveita para desacreditar o projeto de uma “psicanálise existencial”. Lacan entende que essa filosofia promove o reforço da ilusão de uma consciência autônoma e auto-suficiente que representa justamente o alvo de sua crítica porque essa autonomia opõe-se à forma como ele teoriza a constituição do eu. Essa crítica é então desdobrada com a denúncia dos impasses que, a seu ver, residem no existencialismo sartreano:

[...] uma liberdade que jamais se afirma tão autêntica quanto dentro dos muros de uma prisão, uma exigência de engajamento em que se exprime a impotência da consciência pura de superar qualquer situação, uma idealização voyeurista-sádica da relação sexual, uma personalidade que só se realiza no suicídio, uma consciência do outro que só se satisfaz pelo assassinato hegeliano (LACAN, 1966, p. 99).

Essa parece ser uma crítica que encontra sua própria possibilidade na existência tanto de um solo teórico comum aos dois autores quanto na inusitada convergência de algumas de suas reflexões. A retomada da temática dialética efetivada por Kojève e a crítica à psicologia clássica levada a cabo por Politzer constituem eixos indispensáveis para a compreensão de suas respectivas obras. Aliás, os desenvolvimentos do estágio do espelho ocorreram num momento em que a atmosfera que imperava na filosofia francesa era a do existencialismo sartreano. A afinidade entre esses dois autores revela sua profundidade no artigo de Sartre “Ensaio sobre a transcendência do ego”, de 1934.¹⁶ Nele, o objetivo é realizar uma revisão da psicologia que conduza à eliminação das idéias de “eu” como substância de mundo interior e de conteúdos de consciência, o que termina por rebater o realismo e o elementarismo, elegendo a noção de imagem como o centro da vida psíquica e foco de sua análise fenomenológica e localizando o sentido como dimensão imprescindível para a compreensão do psiquismo. Encontra-se ainda nas linhas de Sartre uma valorização do tema da alteridade ao lado da metáfora especular: a existência do outro é revelada na experiência do olhar apesar de isso não ser fator constitutivo do eu; o olhar do outro anuncia a reciprocidade necessária à dialética das consciências. A proximidade desse ponto com a tese lacaniana do estágio do espelho é explicada por Simanke (1997, p. 265):

Se tomamos distância, quanto a Lacan, da experiência empírica e contingente da captação especular, é possível perceber que é o olhar do outro o verdadeiro espelho onde se decide a gênese da subjetividade; é porque o espelho mostra minha imagem do modo como ela é vista pelo outro que o reflexo pode erigir-se em um primeiro esboço do eu, e esse pequeno experimento pode surgir como paradigma fundamental da constituição do sujeito pelo imaginário.

Contudo, a concepção intencional da consciência existente em Sartre – “toda consciência é consciência de algo”, é constituída pelos próprios objetos que lhe chegam – implica as hipóteses de uma translucidez absoluta da consciência a si mesma e de que ela seja um fluxo autônomo, auto-unificante, hipóteses que não admitem convivência com o determinismo abraçado por Lacan nem com a suposição do “eu” como instância habitada fundamentalmente pelo desconhecimento e pela alienação. De todo modo, como explica Simanke – que “aliás” situa a obra sartreana ao lado de Espinosa, como uma das filosofias do imaginário a influenciar diretamente a produção lacaniana –, talvez exista entre Lacan e a obra inicial de Sartre uma aproximação epistemológica maior do que permitem deduzir as críticas que o primeiro direcionou ao segundo e algumas convergências já bem

demarcadas, como, por exemplo, as referências lacanianas à fenomenologia do olhar e o tema da falta a/de ser.¹⁷

Para Lacan, o que fundamenta sua crítica à tese sartreana de uma consciência autônoma é o distanciamento que ele toma com relação a uma concepção do “eu” como instância centrada no sistema percepção-consciência e organizado pelo princípio de realidade. Sua compreensão do conhecimento como processo dialético baseada num posicionamento anti-realista conduz, ao contrário, a situar a negação e a inércia defensiva como formas fundamentais do eu que determinam ser sua uma função de desconhecimento e não de percepção consciente da realidade. A exposição realizada acima mostra que no nó imaginário que envolve em uma mesma mistura alegria e agressividade e no qual o “eu” é objetivado, não há lugar para algo como um princípio de realidade, pois a própria realidade é construída segundo o mecanismo paranóico da identificação.¹⁸

O início da teorização sobre o estágio do espelho – no qual se insere o texto de 1949: “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” – ocorre em um momento em que o pensamento de Lacan está voltado para a construção de uma psicologia científica que se afaste de qualquer tipo de reducionismo e de individualismo. Trata-se de situar a imago como o conceito-chave para o estudo do psiquismo, o único capaz de fazer compreender a objetivação do indivíduo humano em suas funções de conhecimento e de relação com o semelhante. Para tanto, são bem-vindas tanto a psicanálise – especialmente com sua formulação do conceito de identificação –, quanto a psicologia comparada e a etologia animal, todas perpassadas por um exercício de dialética. Nesse contexto, a noção de inconsciente encontra-se repudiada, como também tudo o que na teoria freudiana consistir, aos olhos de Lacan, sinal de biologismo. Alguns dos objetivos gerais dessa teoria do imaginário são: o estabelecimento do caráter determinado do sujeito, a acusação do caráter ilusório do conhecimento humano, a defesa de uma simultaneidade na constituição do sujeito e do objeto (realidade). O estágio do espelho equivale ao esforço, dentro dessa teoria, de especificar o processo de formação do indivíduo humano por meio de sua identificação a uma imagem totalizada que o precipita a despeito de sua “sensação de si” apontar, de modo oposto, para um sentimento de ausência de organização corporal e de fragmentação.

NOTAS

- ¹ Com a ênfase posterior no registro simbólico e com o fato de que o imaginário humano durante um longo período da obra de Lacan só poderá ser lido sob sua luz, o estágio do espelho não poderá mais ser entendido como algo anterior à determinação social e esta volta a assumir seu posto de causalidade absoluta.
- ² Cf. Lacan, 1938.
- ³ Apesar de caminhar para um ponto de vista estrutural, Lacan ainda sente necessidade de situar cronologicamente o estágio do espelho, conferindo-lhe o período que vai dos 6 aos 18 meses de idade.
- ⁴ Ver, por exemplo, o Capítulo 1 do “Seminário 2” (1954-55/1995), no qual Lacan se dedica diretamente a diferenciar os dois pronomes, relacionando “je” a sujeito e a inconsciente e “moi” ao conjunto de certezas imaginárias que o indivíduo possui a respeito de si mesmo.

- ⁵ No “Seminário 1”, por exemplo, Lacan (1975, p. 22) assevera: “[...] o eu é estruturado exatamente como um sintoma. No interior do sujeito, ele é apenas um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem”.
- ⁶ Cf. Lacan (1951). Aí o autor também coloca que é no eu que reside o foco das resistências ao processo dialético da análise – fortalecer o eu, portanto, seria também fortalecer a resistência à análise.
- ⁷ Macey (1988) dá a esse tipo de leitura, bastante comum ao lacanismo, o nome de “the final state” (“o estado final”) porque ela procura ler os primeiros textos de Lacan à luz dos últimos, como se seu pensamento não possuísse uma história e o estágio final da teoria lacaniana já existisse todo, completo, desde o início.
- ⁸ Em *Algumas reflexões sobre o eu*, Lacan (1951) igualmente ainda não fala de “sujeito do inconsciente”, mas de “sujeito libidinal”.
- ⁹ Também em *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1966) e em *A agressividade em psicanálise* (1966), Lacan denunciava a ocorrência de uma confusão entre eu e sujeito.
- ¹⁰ Posteriormente, em especial com *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1966), o “je” será partícula a designar, mas não a significar, o sujeito da enunciação, lugar de manifestação do inconsciente.
- ¹¹ Em *A agressividade em psicanálise* (1966), Lacan explica essa função normalizante ao dizer que a identificação edipiana (secundária) permite ao sujeito superar a agressividade constitutiva da primeira identificação.
- ¹² Outro índice do início de uma aproximação com o estruturalismo é o fato de Lacan, ao se referir à experiência cotidiana do psicanalista, citar o artigo de Lévi-Strauss *A eficácia simbólica*, texto de importante influência sobre a virada da década de 1950 em direção ao registro do simbólico.
- ¹³ O conceito de “Gestalt”, tal como aqui utilizado por Lacan – pregnância de uma imagem imbuída de totalidade significante –, é tomado de empréstimo à fenomenologia e, especialmente, a Merleau-Ponty (OGILVIE, 1991).
- ¹⁴ Realizados, segundo Ogilvie (1991) por Harrison e Chauvin, respectivamente.
- ¹⁵ Quanto a esse parágrafo, cf. Simanke (1997).
- ¹⁶ O que se segue tem por base Simanke (1997).
- ¹⁷ Cf. ainda a esse respeito Wilden (1968).
- ¹⁸ Vale lembrar apenas que o princípio de realidade freudiano (ao qual alude o texto sobre o estágio do espelho) não é nenhum índice de realismo ingênuo, ao contrário do que pensava Lacan quando o fez alvo direto de sua crítica em *Para além do “Princípio de Realidade”* (LACAN, 1966).

REFERÊNCIAS

- BOWIE, M. *Lacan*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1991.
- EVANS, D. *An Introductory dictionary of lacanian psychoanalysis*. Londres, Nova York: Routledge, 1996.
- KOJÈVE, A. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris: Gallimard, 1947.
- LACAN, J. Au-delà du “Principe de réalité”. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966b.
- _____. La famille. In: ENCYCLOPÉDIE Française. Paris: Larousse, 1938. v. 8.
- _____. L’agressivité en psychanalyse. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966a.
- _____. Propos sur la causalité psychique. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966c.
- _____. *Le Séminaire*. Livre I: les écrits techniques de Freud. Paris: Seuil, 1975.

_____. *O Seminário*. Livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

_____. *Some reflections on the ego*. 1951. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque>>. Acesso em: 2002.

_____. *Le stade du miroir comme formateur da la fonction du Je*. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966d.

_____. *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien* In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966e.

MACEY, D. *Lacan in contexts*. Londres, Nova York: Verso, 1988.

MULLER, J.; RICHARDSON, W. *Lacan and language: a reader's guide to écrits*. Nova York: International Universities Press, 1982.

OGILVIE, B. *Lacan: a formação do conceito de sujeito (1932-1949)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

SIMANKE, R. T. *Composição e estilo da metapsicologia lacaniana: os anos de formação (1932 – 1953)*. 1997. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

WILDEN, A. *Lacan and the discourse of the Other*. In: LACAN, J. *Speech and language in psychoanalysis*. Baltimore, Londres: The Johns Hopkins University Press, 1968.

Recebido em dezembro/2003

Aceito em fevereiro/2005

